
Como usuários do aplicativo Par perfeito apreendem o amor? Reflexões sobre o apego ao significado à luz do pensamento de Kittler¹

Ricardo FERNANDES²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir a supervalorização do significado adquirido sobre o amor por parte dos usuários de aplicativos de paquera. Para isso, apoio-me no pensamento de Friedrich Kittler, filósofo alemão defensor das materialidades. Organizo o trabalho em apresentar Kittler e o que representa a ênfase na materialidade das coisas, discorrer a análise de conteúdo dos comentários sobre o amor na *fanpage* do aplicativo Par perfeito no Facebook, para, por fim, elucidar os dados obtidos da análise à luz do autor. A recorrência de associações do amor com valores religiosos conduz a atestarmos certa tendência dos usuários em se preocuparem mais com o sentido, o conhecimento obtido pelo mesmo, do que em viver o amor, a materialidade de sua experiência.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação digital; amor; apreensão; par perfeito; kittler

Introdução.

Na Grécia antiga, o amor tinha como premissa a mais profunda admiração entre seres humanos, reflexo do entendimento mais geral de que a pessoa era composta de dois elementos: a carne e o espírito. A prática sexual, nesse sentido, era tida como algo inferior. Esse entendimento vem muito em função de outra dicotomia, razão e emoção. Era desejável, e até incentivada, a desvinculação emocional nas relações, uma vez que podia tirar a racionalidade do homem e ameaçar a ordem social. Disseminada pelos gregos, a dicotomia corpo-alma é elevada na cultura ocidental. Com o surgimento do cristianismo, desenvolveu-se uma verdadeira hostilidade pelo prazer sexual. A abstinência sexual, considerada como ideal moral, evidencia o distanciamento entre amor e sexo. Não por acaso, o amor conquista lugar de importância no seio familiar, assumindo caráter de instituição política, econômica, enquanto o prazer sexual destinado às relações extraconjugais. Apesar das mudanças sociais, as relações

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e bolsista Capes no Programa de Pós Graduação em Comunicação & Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS), e-mail: fernandesricardo86@gmail.com

amorosas continuaram “sem, entretanto, ameaçar fundamentalmente o anti-sexualismo” (BRADEN, 1982), prova disso reside, ainda, no sentimento de culpa associado ao ato sexual, ou mesmo no silenciamento sobre o assunto.

Ao que parece, a dicotomia corpo-alma ainda vigora, sobretudo quando vemos estudos contemporâneos inferir reflexões cartesianas sobre o amor. Bauman (2004), ao defender a morte do amor romântico em tempos de aplicativos de paquera, fundamenta-se nessa mesma hermenêutica, limitada ao significado. Para ele, o amor romântico cede lugar a práticas efêmeras, evidenciadas pelos usos das plataformas de paquera, onde os sujeitos se colocam como produtos em uma vitrine. Na esteira dos aplicativos de paquera, tendência atual de se comunicar e se encontrar socialmente uns com os outros, os seres humanos acabam priorizando o desenvolvimento de ‘relacionamentos de bolso’. Em função disso, deixa-se de, verdadeiramente, se relacionar, para nos conectarmos, de desenvolvermos relações que podem facilmente serem desmanchadas, uma vez que são fundadas na virtualidade. Seguidores, como Bonavitta (2015, p.202) endossam o argumento de Bauman (2004) ao defender que práticas como conquista, flerte e romance se mostram cada vez mais abandonadas em razão do uso de plataformas de comunicação digital, ou seja, nos levam a entender que no instante em que os sujeitos fazem uso dessas plataformas, as relações ali forjadas não são consideradas como verdadeiras relações, e todo o ritual da conquista e do flerte distantes dessa realidade.

Pelo que se vê, o conhecimento que se tem sobre o amor está fundado em dicotomias, no qual a metafísica, ou melhor, o que transcende a materialidade, tem maior importância. Esse olhar excessivamente espiritualizado na base da produção do conhecimento resulta em um distanciamento da experiência vivida, algo que autores como Gumbrecht e Kittler, buscam combater ao considerar a materialidade das coisas. É com base nas premissas desses autores que busco refletir o amor em tempos de plataformas digitais.

Esta proposta se funda, assim, em refletir a sobrevalorização do significado adquirido sobre o amor por meio dos usuários do aplicativo Par perfeito. Guiado pelo movimento contra a redução hermenêutica ao significado, organizo o artigo em, primeiramente, apresentar a linha de pensamento de filósofos como Kittler que, ao defender a materialidade das coisas, desenvolve abordagem alternativa à universalidade do significado. Para mostrar a tendência da supervalorização do significado, em um

segundo momento desenvolvo uma análise de conteúdo a partir das conversações sobre amor na *fanpage* do aplicativo Par perfeito na rede social Facebook. O resultado da análise mostrou o apego dos usuários em relação ao conhecimento adquirido sobre o amor, evidenciados pelas associações feitas a elementos transcendentais, e as consequentes Reclamações\Lamentações da não concretização do mesmo em suas vidas.

1. Kittler e o Reconhecimento da Materialidade.

O estatuto, ainda muito presente, de encarar separadamente instâncias como corpo e alma, forma e conteúdo, significante e significado por parte das pesquisas nas ciências humanas e sociais é o que funda o pensamento do alemão Friedrich Kittler. Kittler segue os preceitos lançados por outro filósofo, Hans Ulrich Gumbrecht, responsável por levantar a bandeira não só da hierarquização, mas a supremacia do significado em relação ao significante³. Ao buscar alternativas para o movimento de atribuir, ou extrair, sentido às coisas, Gumbrecht acaba identificando a origem desse modo de pensar.

A história dessa vocação hermenêutica começa com a modernidade, quando a afirmação do cogito cartesiano se reproduz em inúmeras dicotomias - espírito e matéria, mente e corpo, profundidade e superfície, significado e significante - nas quais o primeiro pólo (sentido espiritual, interpretação) sempre tem privilégios e é concebido como hierarquicamente superior ao segundo (corporeidade). Contra essa excessiva espiritualização metafísica que nos levaria à “perda do mundo”, Gumbrecht se aventura em caminhos intelectuais que permitiriam restabelecer a “coisidade do mundo, na busca do que há no espaço de vivência ou experiência não conceitual e pode dispensar redução hermenêutica ao significado (GUMBRECHT, 2010, p.8-9).

Valendo-se do pressuposto de que a hermenêutica trata-se da única forma que conhecemos de nos relacionarmos com os fenômenos, a crítica de Grumbrecht (2010) reside no olhar lançado aos mesmos. O olhar a essencialidade, em extrair sentidos

³ Segundo o pai da linguística moderna, Ferdinand Saussure, significante e significado tratam-se das engrenagens que formam o signo linguístico. Enquanto o primeiro é tido como a imagem acústica, “a impressão (empreinte) psíquica desse som” (SAUSSURE, 2003, p.80), o segundo compreende a representação mental de algo, o sentido em si. Em sumo, significante consiste no que é perceptível e o significado o que é inteligível.

profundos, ocultos das coisas acaba impedindo a capacidade humana de apreender os fenômenos como se mostram. Sugere, então, a introdução de elementos, questões que os conceitos, ou melhor, o significado de modo mais amplo não considerou, como a materialidade.

Ciente disso, Kittler trata-se de um dos principais teóricos que defende o movimento de reconhecer, e, sobretudo, considerar, a materialidade na avaliação dos fenômenos. É preciso ressaltar que no momento em que isso é feito a hermenêutica, puramente espiritual, metafísica, ou a cultura do sentido (GUMBRECHT, 2010) é posta em cheque. Ao dialogar com outros paradigmas como Foucault, Lacan e Baudrillard, Kittler (1999; 2014) acaba nos fornecendo meios para melhor explicar como refletir os fenômenos à luz desta perspectiva, com os quais me apoio didaticamente.

Discurso, conceito base dos estudos de Michel Foucault, se funda em buscar compreender as regras que governam o que pode ser conhecido, falado. Foucault encara o discurso como uma espécie de verdade “bastante arcaica e bem próxima, silenciosa e ameaçadora: uma verdade abaixo de toda verdade, a mais próxima do nascimento da subjetividade (FOUCAULT, 1972, p.561). Para isso busca na história, em elementos textuais como escritos e figuras. E, assim, seus esforços se voltam em atestar suas propriedades. O modo como o mesmo é dito, difundido, não é considerado pela sua abordagem - reflexo da sobreposição do significado em relação a materialidade. Ao se apropriar do discurso, Kittler foge desse estatuto ao eleger a história da mídia como ferramenta para mapear as regras que governam o discurso. No seu entendimento, a materialidade midiática determina a situação, molda o evento, e em função disso, deve ser considerada.

The media of the present influence how we think about the media of the past or, for that matter, those of the future. Without phonography and its new ability to faithfully manipulate the spoken word in ways that no longer require that speech be translated into writing, there would be no academic enterprises aimed at understanding the communicative household of cultures with few or no symbol-based external storage capacities. Our “reborn” or, to use Walter Ong’s better-known phrase, “secondary” orality retroactively created the bygone word-of-mouth world that was not yet at the mercy of the quiet hand and the reflective eye. Not Surprisingly, many media histories adhere to tripartite structure that uses these two oralities to bracket an interim period known as the “gutenberg galaxy” or the “age of print”. Such framing, however, implies that the (re)discovery of a past orality will affect the perception of our present literacy, since every exploration of the dynamics of orality is a renegotiation of the limits and boundaries of

literacy and its associated media networks. Why, then, separate the quantum leap in the research into orality from the emergence of the more comprehensive attention toward mediality in general? (KITTLER, 1999, p.XII).

Diferentemente da linguagem cotidiana utilizada pelos elementos textuais, aparatos midiáticos se fundam em processos físicos bem mais velozes que a percepção humana. É preciso considerar que o interesse de Foucault se volta a discursos anteriores ao surgimento de gramofone, filme e da máquina de escrever, por exemplo. E, a partir dessa lacuna, Kittler (1999) defende o estudo da mídia como algo que deve se preocupar consigo, primordialmente, e não recorrer aos demais saberes - sociologia, antropologia, ou estudos culturais, por exemplo - para explicar como e por que as mídias são o que são.

It is necessary to rethink media with a new uncompromising degree of scientific rigor, focusing on the intrinsic technological logic, the changing links between body and medium, the procedures for data processing, rather than evaluate them from the point of view of their social usage (KITTLER, 1999, p. xiv).

Para isso, sugere migrar os três elementos do discurso - voz, imagem e texto - para elementos midiáticos - gramofone, filme e máquina de escrever. Isso não somente desloca o olhar, como reflete o reordenamento na percepção das coisas, ao encarar o homem como uma extensão da mídia⁴.

Em *Gramophone, Film and Typewriter*, Kittler (1999) combate a percepção de Baudrillard a respeito de a mídia destruir a aura de um determinado evento. Com a presença cada vez maior das mídias no cotidiano, característica essa típica de uma sociedade consumista, Baudrillard (2008, p.159) atesta uma diluição da realidade em função da homogeneização produzida pelos meios, o que acaba por neutralizar “o caráter vívido, único e evento do mundo”. Em seu lugar, a produção de universos diversos que tendem a se reportar um aos outros de modo homogêneo. A crítica de Baudrillard em relação à presença da mídia está visivelmente pautada por uma percepção de mundo estruturalista, guiada por explicações fundadas na semiótica, especificamente no que tange a produção e manutenção de significados ideológicos em signos. A presença das mídias é algo inevitável na visão de Kittler (1999), e, muito em

⁴ O deslocamento se ancora, especialmente, nas categorias do simbólico, imaginário e real de Lacan. O real é tido como o impensável, que tem sentido em si mesmo, uma vez que este não pode ser resumido ao significado. Se mostra por meio de repetições, e é responsável por situar o imaginário e o simbólico. O imaginário reside na linguagem, da projeção, um campo narcísico. Já o simbólico atravessa o imaginário, ao ser atrelado ao inconsciente. Diferentemente do real, o sentido do simbólico está nas relações, no conjunto.

função disso, não podemos desconsiderá-las, posto que nos induzem a fazer coisas que, sem sua presença, não faríamos. Em outras palavras, o que Baudrillard (2008) defende como razão para a quebra da singularidade de um acontecimento, Kittler (1999) aponta como algo inerente ao evento, que o faz ser do modo como se mostrou.

Em *Eros and Aphrodite*, Kittler (2014, p. 250) levantou a questão a supervalorizãodo significado ao problematizar se os europeus estão mais preocupados em viver o amor ou o conhecimento que possuem dele, refletindo, portanto, a tensão existente entre “a cultura do sentido e a cultura da presença” (GUMBRECHT, 2010). Na busca por evidenciar as consequências da dicotomia do conhecimento, Kittler (2014) averigua a forma como o conhecimento sobre o amor nasce. Para o filósofo, a origem do discurso sobre o amor reside na obra o banquete⁵, um diálogo socrático produzido a partir de relatos de terceiros, uma vez que Platão, curiosamente, não estava presente no evento. Além disso, o próprio discurso do amor se atrelar a perspectivas de homens com ressaca, e sem a menor capacidade de emitir qualquer juízo coerente sobre o assunto, “*whose prose, as media-technical innovations, simply sought to fill in a space that had been left blank in poetry*” (KITTLER, 2014, p.250).

Inspirado na reflexão lançada por Kittler (2014), de que modo os usuários do aplicativo Par perfeito apreendem o amor? O significado dele é mais importante que a sua vivência? Sem dúvidas a materialidade da experiência vinda dos aplicativos de paquera, tidos como palco para a formatação de relações efêmeras (BAUMAN, 2004), trata-se de um importante vetor de análise. Na busca por evidências, desenvolvo análise de conteúdo a partir dos relatos dos seguidores da página do aplicativo Par perfeito na rede social Facebook.

2. Análise de Conteúdo na *fanpage* do aplicativo Par perfeito.

A *fanpage* do aplicativo Par perfeito na plataforma social Facebook conta com mais de um milhão de seguidores⁶. Com o objetivo de mantê-los engajados a página vem produzindo ativamente conteúdos, entre os quais destacamos a campanha do dia dos namorados⁷. Com o nome “Seu amor de verdade”, as peças da campanha incitam os

⁵ Diálogo socrático, a obra escrita produzida por Platão entre 385-380 a.C, reproduz diálogos sobre amor (eros) e amizade. Os diálogos tratam-se de dos únicos registros sobre o modo de pensar de Sócrates que não deixou nenhum trabalho escrito.

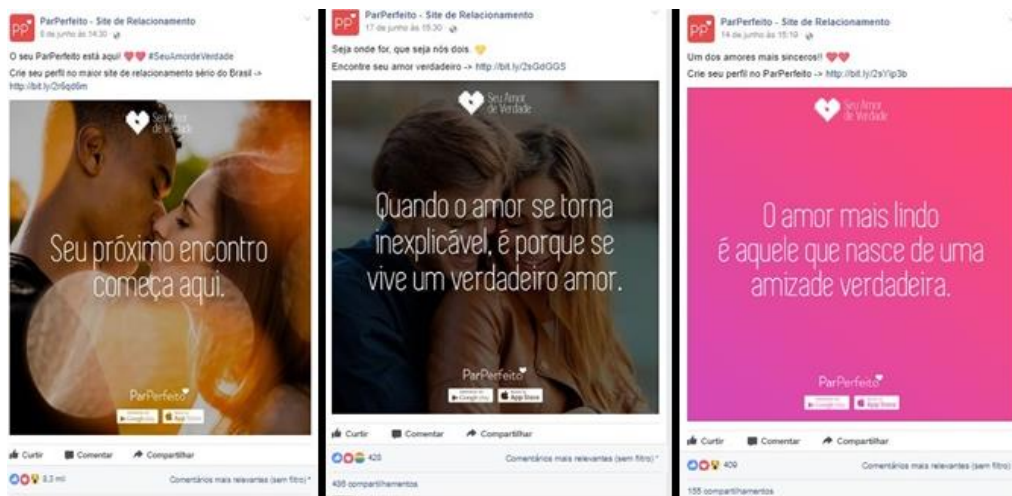
⁶ <https://www.facebook.com/parperfeito>

⁷ A campanha foi feita ao longo do mês de junho de 2017.

usuários a debater sobre o amor, nos fornecendo dados para refletir a supervalorização do significado do amor. A forma como enxergam o amor, os conhecimentos propagados no debate, bem como a apreensão dos usuários sobre os aplicativos foram questões diretrizes que nortearam a coleta dos dados.

A ideia de desenvolver uma análise de conteúdo se ampara nos preceitos lançados por Bardin (2004). Sistematiza a análise em pré-análise, a exploração do material e seu tratamento, e por fim, a inferência e interpretação dos dados. Conforme apresentado em Fernandes (2018), a fase que antecede a análise consistiu na organização das 36 peças produzidas durante a campanha. Observou-se 6 tipos de produções⁸, e entre elas, notou-se um fluxo de interações maior vinda dos cartazes, manifestas pela quantidade de curtidas e compartilhamentos, critério este que norteou a seleção das peças (Ver figura 1). A reunião dos comentários nessas peças contabilizou 326 comentários.

Figura 1: Postagens selecionadas da Campanha ‘Seu amor de verdade’.



Fonte: Facebook.com/parperfeito, 2017.

Dos 326 comentários, 126 constituíram o *corpus* de análise⁹, dando início ao processo de exploração e tratamento dos dados, feitos manualmente, com o suporte de uma planilha produzida no Excel, essenciais para a identificação das recorrências. A pertinência com as diretrizes previamente apresentadas foram os elementos de filtragem dos relatos. Já, nesse segundo momento pode-se perceber tendências de argumentos,

⁸ Cartazes, Gif’s, Histórias de Sucesso (#DeuCerto), dicas do app (#DicasDoPP), vídeo, artigo em blog

⁹ A maioria dos posts desconsiderados tratavam-se de interesses amorosos entre usuários, troca de contatos, migrando o contexto de conquista e flerte do aplicativo, para a *fanpage*

expressas, sobretudo, a partir da repetição de palavras, frases-temas capazes de serem reunidas em unidades comparáveis, categorizadas e diferenciadas, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1 - Categorização temática sobre o amor na campanha ‘Seu amor de Verdade’

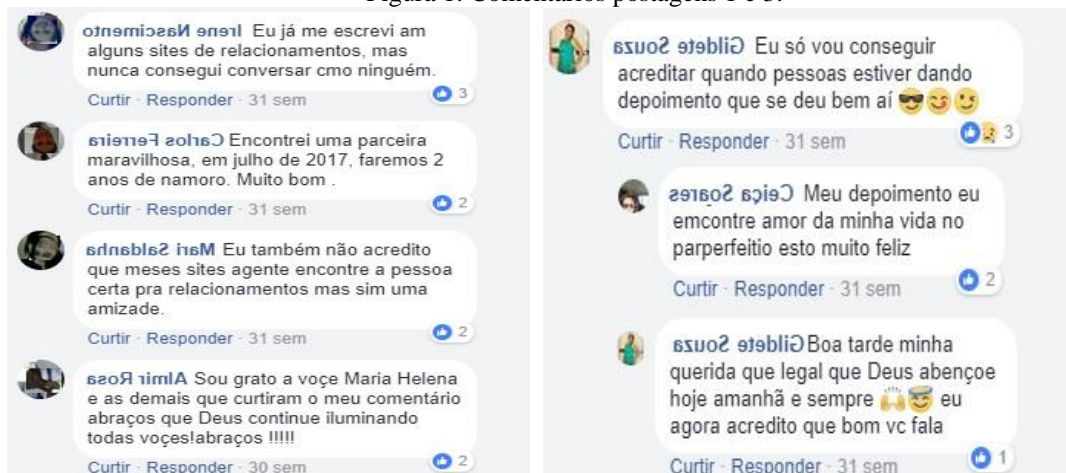
| Categoria | Subcategoria (Frequência) Frases-tema. |
|-------------------------------------|--|
| Expectativa Procura | <p>I- Algo (13,49%) : ‘Casamento’; ‘Algo sério’; ‘Grande Amor’; ‘Namoro’; ‘Formar Família’; ‘Compromisso’; ‘Cara Metade’; ‘Companhia’; ‘Sexo’; ‘Homem’; ‘Mulher’; ‘Alguém especial’; ‘Um grande amor’.</p> <p>II- Sensações (9,52%) : ‘Cuidar e ser cuidado’; ‘Carinho’; ‘Romantismo’; ‘Amizade’; ‘Segurança’; ‘Tranquilidade’; ‘Felicidade’; ‘Alegria’.</p> |
| Incentivos Aconselhamentos | <p>I- Ordem Religiosa (19,04%): ‘Rezar para Deus’; ‘Jejue e peça à Deus’; ‘O senhor é que sabe a hora’; ‘Virá no tempo certo’; ‘Deus está preparando algo melhor’; ‘Tudo ao seu tempo’; ‘Confie no senhor’; ‘Deus é amor’; ‘Esperança é a última que morre’; ‘Não desista dos seus sonhos’.</p> <p>II- Ordem Individual (11,9%): ‘É preciso se encontrar individualmente’; ‘Não encontrou alguém que some’; ‘Eu conheço alguém que encontrou’; ‘Encontrei a pessoa’; ‘Encontrei alguém especial’; ‘Começa pela amizade’; ‘Busque cumplicidade’; ‘Saiba seduzir e conquistar’; ‘Procure alguém carinhoso’; ‘O amor existe’; ‘É verdade’; ‘Torço por mim e por você’; ‘Obrigado Par Perfeito’; ‘Já tive vários encontros inesquecíveis pelo Par perfeito’; ‘A base é a amizade’.</p> |
| Reclamações Lamentações | <p>I- Amor (20,63%): ‘Só acredito com depoimentos’; ‘Não acredito em contos de fadas’; ‘Não acredito’; ‘Uma bobagem’; ‘Amor perfeito não existe’; ‘Já desisti’; ‘É uma palhaçada’; ‘Tô pagando pra ver’; ‘Coisa de boi’; ‘Sei não.’; ‘Tá difícil, viu?!’; ‘That’s a lie’; ‘Queria ter um assim’; ‘Quero namorar e ser feliz’; ‘Onde está você, amor?’; ‘Amor não se repete, só tem um’; ‘Amor é ilusão’.</p> <p>II- O outro (15,87%): ‘Não achei a pessoa certa’; ‘Ninguém quer algo sério’; ‘Rapaz mentiu. Era casado’; ‘Só querem papo’; ‘Só safado’; ‘Ninguém quer nada’; ‘Mulher pra conversar já tá difícil, imagina pra namorar?!’; ‘Já passei por muitas decepções’; ‘Mulheres não querem nada sério’.</p> <p>III- Aplicativos (9,52%): ‘Já estaria casada’; ‘Assino há 3 meses e ainda solteira’; ‘Só quando aparecer um que casou’; ‘Não acredito nesses sites’; ‘Já tentei todos os apps’; ‘Nunca consegui conversar com ninguém’; ‘Não tem rapaz honesto’; ‘Não aceito passar dia 12 sozinha. vou baixar’; ‘não vou passar dia dos namorados sozinha’.</p> |

Fonte: FERNANDES, 2018.

Com base no quadro, podem-se perceber vários itens de significação, e que sua frequência, a recorrência de sentido acaba estruturando a ordem comunicativa do sujeito. Assim, a frequência de sua presença significa algo importante para os sujeitos. Organizei essas recorrências de significados em 3 categorias: Expectativas\Procura, Incentivos\Aconselhamentos e Reclamações\Lamentações.

Conforme apresento em Fernandes (2018), Expectativas\Procura reúne os comentários que entendem o amor a partir de duas frentes: como algo, uma coisa concreta; e uma experiência. Na primeira subcategoria, a ideia de apreendê-lo como uma coisa concreta remete ao processo de construção de uma relação compromissada, perpassando namoro, noivado, casamento, e por fim a formação de uma família. Na visão dos usuários, a coisa concreta seria o percurso da relação, e que para isso eram necessários homens e mulheres consideradas especiais, recorrências frequentes para representar essa coisa pelo qual buscam. Já a experiência, segunda subcategoria, menções à felicidade, sentimentos fraternos, tranquilos foram alguns dos itens de significação. Ao que parece, o fervor, a paixão, sentimento de tesão pelo parceiro(a) elementos, também, necessários não foram lembrados pelos usuários, sobressaindo a necessidade de serem portos afetivos.

Figura 1: Comentários postagens 1 e 3.



Fonte: Facebook.com/parperfeito, 2017.

Em Incentivos\Aconselhamentos foram reunidos os relatos de torcida, os votos de esperança, e neles o entendimento de que o amor seria algo a ser consentido por uma ordem maior, algo para além da matéria. Dessa maneira, o amor é tido como um sonho a ser realizado, algo distante que precisa ser concretizado na materialidade a partir do merecimento. Em sumo, se o indivíduo pratica o bem, é justo e correto em suas condutas, consequentemente conquista a aprovação espiritual para encontrar o amor. Essa subcategoria em relação a outra, os aconselhamentos\incentivos de ordem individual, expressa frequência maior, endossando o argumento de uma supervalorização do significado sobre o amor. Ainda nessa segunda categoria, os

usuários orientam começar pela amizade, desenvolver a cumplicidade e o carinho. Ainda que poucos, encontrou-se relatos que orientam a necessidade de conquistar e seduzir do outro (a), mas em grau bem menor.

Em meio as Reclamações\Lamentações dos usuários, terceira categoria, percebo o endereçamento desses relatos a 3 itens: o amor, o outro (no caso, o interesse amoroso) e os aplicativos. Na primeira subcategoria, os registros endossam a percepção do amor vista na primeira categoria, como algo distante da realidade material. A diferença, contudo, reside no uso de deboches, ironias e desafios para falar sobre o amor. No movimento de falar que o amor é uma mentira, fantasia ou algo inventado para iludir, alguns usuários chegam desafiar, pedir provas, histórias pessoais ou de pessoas próximas que encontraram o amor. Outros, por outro lado, lamentam não ter algo nos moldes da imagem da postagem, evidenciado que a felicidade, o amor, só pode ser alcançado a partir da reprodução da imagem exposta. Na subcategoria “o outro” queixam-se da desmotivação do outro em continuarem conversas, em indisposição do interessado em querer algo mais sério – conforme os moldes da apreensão cristã, e nas decepções amorosas tidas. Já quando reclamam\lamentam dos aplicativos, propagam o entendimento desses espaços como promíscuos, onde os indivíduos mentem para satisfazer meramente seus desejos por sexo. Falta comprometimento, interesse, disponibilidade dos usuários que ali frequentam em desenvolver uma relação duradoura.

3. Análise de conteúdo: A supervalorização do significado do amor à luz de Kitzler.

A intensidade da valorização do significado ficou bastante evidenciada a partir da análise de conteúdo das intervenções sobre o amor por parte dos seguidores da página do aplicativo Par perfeito no Facebook. Nas categorias Expectativas\Procura, assim como em Incentivos\Aconselhamentos, constatou-se uma recorrência expressiva de relatos de que o amor só é possível com o consentimento de instâncias superiores. A materialidade dos humanos, da própria experiência amorosa\afetiva é completamente ignorada, considerando o silenciamento de questões do tipo por parte dos sujeitos. Muito em função desse olhar, essencialmente metafísico, o amor é associado com sonho, algo distante, por vezes, tido como ilusório, distante da realidade, motivando, inclusive, discursos de desilusão, frustração ou chateação. Conseqüentemente, a não

realização do amor pode ser vista em Reclamações\Lamentações, no qual os usuários atribuem a culpa ao outro, parceiro(a) com quem interagia, ou ao aplicativo.

Nesse sentido, o corpo, a materialidade não só é culpada, como é causa direta pelo não consentimento do amor. Seja quando atribuem ao outro, seja quando atribuem ao aplicativo, os relatos se ancoram na possível excessiva procura por sexo, considerado como algo baixo, inferior.

O distanciamento entre a experiência e o significado, ao considerarmos a alta taxa de Reclamações\Lamentações, sobretudo os registros de desilusão, frustração e\ou chateação, endossa o movimento de supervalorização do sentido religioso atribuído ao amor. O deboche, a ironia e o descaso visto nos depoimentos acabavam sendo recursos utilizados para mascarar um desejo reprimido dos usuários de reproduzir esse sentido literalmente na prática cotidiana. Os relatos recalcados, assim, parecem mais preocupados em suprir uma necessidade de replicar um sentido do amor romântico, marcadamente pautado por princípios religiosos, do que construir uma relação com alguém. Não à toa, manifestam frustração e descrença.

Considerações.

Esta trajetória nos mostrou que apesar das inúmeras transformações sociais, tecnológicas e culturais, a dicotomia espírito-carne, alma-corpo, ou de modo mais geral, significado-significante, cultuada desde os gregos, ainda tem forte presença. A batalha travada pelos filósofos da materialidade, em particular Kitley, evidencia toda uma tradição de pensamento que ignora a materialidade na configuração dos conhecimentos, assim, como as consequências desse feito. Exemplo disso pode ser atestado na maneira como o amor romântico é tido na contemporaneidade por parte de alguns estudos, bem como os relatos expressos pelos sujeitos na *fanpage* do aplicativo Par perfeito no Facebook.

O apego ao significado conduziu estudos como os de Bauman (2004) e Bonavitta (2015) a lançaram com um olhar saudosista para o amor. No instante em que defendem que práticas como a conquista, o flerte, ou o amor romântico, de modo mais geral, não tem mais espaço em uma realidade marcada pelo uso de aplicativos de paquera, apresentam uma visão unívoca e generalista. Deixam implícito que aplicativos como Par perfeito conduzem os indivíduos a essencialmente buscarem sexo, como se o

sexo ou mesmo os aplicativos não tivessem relevância quando falamos sobre amor. Algo não muito diferente nos relatos manifestos pelos seguidores da *fanpage* do app Par perfeito ao discutir sobre amor.

O movimento dos usuários expressarem buscar reproduzir algo apreendido em outro contexto, ou melhor, a apreensão de um significado que lhes foi passado sobre o amor, os mesmos acabam vedando seus olhos para a percepção de outros sentidos. Impedem que a materialidade da experiência, o envolvimento entre os envolvidos sejam o arsenal para a construção do sentido do amor. Parecem desconsiderar que o mesmo trata-se de uma prática social, e que este, sobretudo na realidade atual, se desenvolve de acordo com as necessidades afetivas individuais dos envolvidos. E, assim, servindo de engrenagem para a tessitura de seu próprio sentido. Um sentido que pode se alinhar com o conhecimento apreendido, mas, também, pode assumir outras facetas, como bem nos lembrou Branden (1982).

Ainda que complexa, afinal, estamos lidando com a base do conhecimento humano, sem dúvidas, dialogar com as premissas de Kittler deixou como lição a necessidade de tomarmos cuidado com a supervalorização de sentidos, de significados, considerando que isso pode acabar impossibilitando a vivência das coisas, das experiências, práticas como de fato ocorrem, se mostram. No caso da experiência amorosa, precisamos considerar a participação das plataformas digitais de comunicação, na maneira como conduzem seus usuários a fazer coisas que sem sua presença não fariam, no como os usuários se destinam aos aplicativos acenando intenções, no processo de seleção dos parceiros para sair dos espaços de aplicativo de paquera para as plataformas de comunicação (What's app), tidas como mais pessoais. Mencionei, para assim começar, uma série de práticas que refletem sentidos que são simplesmente ignorados pelo apego excessivo a um significado tido como ideal, argumento que pretendo explorar em outros estudos.

Por fim, é preciso dizer que este trabalho não ambicionou adotar a filosofia de Kittler como perspectiva teórico metodológica, ou seja, adotar a análise de discurso midiática como método de pesquisa. A ideia é se apropriar do modo de pensar do filósofo como parâmetro de análise para refletir questões que envolvem o amor em tempos de plataformas de comunicação digital. Considerando o que representa, e a forma como conduz o olhar a considerar as materialidades midiáticas no discurso, considero uma alternativa metodológica interessante e assertiva para evidenciar cultura

da presença (GRUMBRECHT, 2010) na reflexão sobre amor em tempos de comunicação digital.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Portugal: Relógio D'Água, 1991.

_____. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

BONAVITTA, Paola. **El amor en los tiempos de Tinder**. Revista: Cultura y Representaciones sociales, Mexico, No 19, Vol 10, 2015, p.197-210. Disponível em:<<http://www.culturayrs.org.mx/revista/num19/Bonavitta15.pdf>>. Acesso: 03.janeiro.2016.

BRANDEN, Nathaniel. **A Psicologia do Amor Romântico**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

FERNANDES, R. **Seu amor de verdade: uma análise de conteúdo sobre a percepção do amor na Fanpage do aplicativo Par perfeito**. Belo Horizonte, Universidade Fumec, XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 07 a 09 Jun.2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. França: 1971.

_____. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

KITTLER, F. **Gramophone, Film, Typewriter**. Stanford, California: Stanford University Press, 1999.

_____. **Eros and Aphrodite**. In: *The Truth of the Technological World: essays on the Genealogy of Presence*. Stanford, California: Stanford University Press, p. 249-259, 2014.

KRIPPENDORF, K. **Content Analysis, An Introduction to Its Methodology**. 3.ed. Thousand Oaks: Sage, 2012.

Lacan, J. **O simbólico, o imaginário e o real**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SANTOS, L. Ensaio sobre a leitura digital como relação humano-máquina: uma proposta de abordagem a partir das materialidades da comunicação. Disponível

em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0863-1.pdf>>.

Acesso: 01.Jan.2018